

hakim bey: as muito singulares escritas de um anarquista nômade

hakim bey:
as muito singulares
escritas de um anarquista
nômade

Hakim Bey foi uma invenção de Peter Lamborn Wilson, escritor, historiador, poeta, ensaísta, nascido em 1945, em Baltimore, nos Estados Unidos. Na metade dos anos 1960, Wilson entrou na universidade de Columbia. Empolgado pelos acontecimentos de 1968, afirmando uma atitude antimilitarista abandonou os Estados Unidos logo no início da Guerra do Vietnã. Viajou para o oriente. Visando experiências relacionadas ao tantra e ao sufismo perambulou pela Indonésia até curtir uma longa temporada no Irã, onde participou, nos anos 1970, da organização de um Festival de Artes em Shiraz. Como organizador levou de John Cage e Merce Cunningham até Stockhausen para o meio de um deserto. No final da década retorna *outro* para o norte da America. Sem a máscara da identidade, da origem, Peter Lamborn Wilson inventa *um* Hakim Bey. É ele,

Bey, quem nos anos 1980, escandaliza, inclusive anarquistas, com as noções singulares de *caos* e, sobretudo, de *zonas autônomas temporárias* (TAZ). Sua existência próxima a grupos e associações libertárias animou escritos acerca da urgência em viver a anarquia no presente, instigando a revolta em certos anarquistas, punks, hackers, okupas, poetas, junkies, queers, ecologistas radicais... Bey, Wilson, tantas vidas vibrantes, morreram no dia 22 de maio de 2022. Como maneira de festejar estas existências, no plural mesmo, visto que são muitas, selecionamos de modo pirata, sem abrir aspas ou notas, algumas passagens de seus livros. E o melhor, fizemos este exercício sem autoria, ou seja, em bando, prazerosamente, a muitas mãos. A anarquia vive, viva! A seguir, com vocês, as muitas vozes de Hakim Bey. Desfrutem!

nu-sol

CAOS

Não proteste, desfigure.

O caos é anterior a todos os princípios de ordem e entropia, não é nem um deus nem uma larva, seus desejos pri-

hakim bey: as muito singulares escritas de um anarquista nômade

mais englobam e definem toda coreografia possível, todos éteres e flogísticos sem sentido algum: suas máscaras, como nuvens, são cristalizações da sua própria ausência de rosto.

As correntes da Lei não foram apenas quebradas, elas nunca existiram. Demônios nunca vigiaram as estrelas, o Império nunca começou, Eros nunca deixou a barba crescer.

Ouçã, foi isso que aconteceu: eles mentiram, venderam-lhe ideias de bem e mal, infundiram-lhe a desconfiança de seu próprio corpo e a vergonha pela sua condição de profeta do caos, inventaram palavras de nojo para seu amor molecular, hipnotizaram-no com a falta de atenção, entediaram-no com a civilização e todas as suas emoções mesquinhas.

Avatares do caos agem com espiões, sabotadores, criminosos do amor louco, nem generosos nem egoístas, acessíveis como crianças, semelhantes a bárbaros, perseguidos por obsessões, desempregados, sexualmente perturbados, anjos terríveis, espelhos para a contemplação, olhos que lembram flores, piratas de todos os signos e sentidos.

Aqui estamos, engatinhando pelas frestas entres as paredes da Igreja, do Estado, da Escola e da Empresa, todos os monolitos paranoicos. Arrancados da tribo pela nostalgia selvagem, escavamos em busca de mundos perdidos, bombas imaginárias.

A última proeza possível é aquela que define a própria percepção, um invisível cordão de ouro que nos conecta: dança ilegal pelos corredores do tribunal. Se eu fosse beijar você aqui, chamariam isso de um ato de terrorismo – então vamos levar nossos revólveres para a cama e acordar a cidade à meia-noite como bandidos bêbados celebrando a mensagem do sabor do caos com um tiroteio.

O modelo social natural para o anarquismo ontológico é uma gangue de crianças ou um bando de ladrões de banco.

ARTE DE VIVER

A própria existência pode ser considerada um abismo sem sentido algum. Eu não vejo isso como uma afirmação pessimista. Se for verdade, posso tomá-la somente como uma declaração de autonomia para minha imaginação e minha von-

hakim bey: as muito singulares escritas de um anarquista nômade

tade – e para o mais belo ato que elas possam conceber, assim conferir significado para a existência.

Por que eu deveria emblemar esta liberdade com um ato como o assassinato (como fizeram os existencialistas) ou como algum dos gostos demoníacos dos anos 1980? A morte pode apenas me matar uma vez – até lá, estou livre para expressar e experimentar (ao máximo que puder) uma vida e uma arte de viver baseada em “experiências de pico” auto-valorativas e no “convívio” (que também possui sua própria recompensa).

Apenas os mortos são verdadeiramente inteligentes, verdadeiramente interessantes. Nada os toca. Enquanto eu viver, no entanto, ficarei do lado da vida sofredora, desonesta e cheia de si, com a raiva em vez do tédio, com a doce luxúria, a fome e o desleixo... contra a vanguarda gelada e suas chiques premonições do sepulcro.

Estou desperto apenas no que amo e até o limite do terror – todo o resto é apenas mobília coberta, anestesia diária, merda para cérebros, tédio sub-réptil de regimes totalitários, censura banal e dor desnecessária.

Nosso único critério de julgar uma arma ou uma ferramenta é sua beleza. De

certo modo, os meios já são os fins. A insurreição já é nossa aventura.

AMOR LOUCO

Tornar-se selvagem é sempre um ato erótico, um ato de desnudamento.

Naturalmente, ele [o amor louco] caga para os professores e para a polícia. Mas também despreza os liberais e os ideólogos – não é um quarto limpo e bem iluminado. Um topógrafo embusteiro projetou seus corredores e seus parques abandonados, criou sua decoração de emboscada feita de tons pretos lustrosos e vermelhos maníacos membranosos.

O mundo anglo-saxão pós-protestante canaliza toda sua sensualidade reprimida para a publicidade e divide-se entre multidões conflitantes: caretas histéricos versus clones promíscuos e ex-solteiros. O AL (Amor Louco) não quer se alistar no exército de ninguém, não toma partido na Guerra dos Sexos, entedia-se com os argumentos a favor de iguais oportunidades de trabalho (na verdade, recusa-se a trabalhar para ganhar a vida), não reclama, não explica, nunca vota e nunca paga impostos.

hakim bey: as muito singulares escritas de um anarquista nômade

CRIANÇAS SELVAGENS

Os Estados Unidos oferecem liberdade de expressão porque todas as palavras são consideradas igualmente insípidas. Apenas as *imagens* importam – os censores amam cenas de morte & mutilação, mas horrorizam-se diante de uma criança se masturbando – para eles, aparentemente, isso é uma invasão de seu fundamento existencial, sua identificação com o Império & e de seus gestos mais sutis.

As crianças, denunciadas por seus próprios sentidos purificados, pela brilhante feitiçaria de um prazer belo, espelham algo de fatal e obsceno na própria natureza da realidade: anarquistas ontológicos naturais, anjos do caos – seus gestos e cheiros emanam para seu entorno uma selva de presença, uma floresta de presságios repleta de cobras, armas ninja, tartarugas, xamanismo futurístico, confusão incrível, urina, fantasmas, luz do sol, ejaculações, ninhos e ovos de pássaros – agressão cheia de alegria contra os crescentes gemidos daquelas Regiões Inferiores incapazes de englobar tanto epifanias destruidoras quanto a criação, como farsa frágil, mas afiadas o bastante para contar o luar.

No entanto, os habitantes dessas insignificantes províncias inferiores acreditam que realmente controlam os destinos das Crianças Selvagens – e aqui embaixo, tais crenças viciadas moldam, de fato, a maior parte da substância da casualidade.

Os únicos que realmente desejam compartilhar o destino travesso dos fugitivos selvagens ou crianças guerrilheiras (em vez de tentar controlá-lo), os únicos, artistas, anarquistas, pervertidos, heréticos, um bando à parte (distantes um do outro e do mundo), ou capazes de se encontrar apenas como as crianças selvagens se encontram, trocando olhares secretos à mesa de jantar enquanto os adultos tagarelam por detrás de suas máscaras.

Jovens demais para helicópteros de guerra – fracassados na escola, dançarinos de break, poetas púberes de vilarejos à beira da estrada – um milhão de centelhas caindo em cascata dos rojões de Rimbaud e Mogli – frágeis terroristas cujas bombas espalhafatosas são amor polimorfo e preciosos fragmentos compactados de cultura popular – franco-atiradores punks sonhando em furar as orelhas, ciclistas animistas deslizando no crepúsculo cor de estanho pelas ruas com flores acidentais nos

hakim bey: as muito singulares escritas de um anarquista nômade

bairros mais miseráveis – mergulhadores ciganos nus fora de temporada, ladrões sorridentes, de olhar enviesado, de totens poderosos, tronco pequeno e navalhas de pantera – estão em todos os lugares, nós os vemos -- publicamos esta oferta para trocar a corrupção do nosso próprio *lux et gaudium* por sua perfeita e gentil imundície.

Compreenda: nossa realização, nossa libertação depende da deles -- não porque imitamos a Família, estes 'avaros do amor' que mantêm reféns para um futuro banal, ou Estado, que nos ensina a afundar num horizonte de eventos de enfadonha 'utilidade' – não – mas porque nós e eles, os selvagens, somos o espelho um do outro, unidos e limitados por aquele cordão de prata que define as fronteiras entre a sensualidade, a transgressão e a revelação. Nós temos os mesmos inimigos e nossos meios para o escape triunfal também são os mesmos: um jogo delirante e obsessivo, energizado pelo brilho espectral dos lobos e seus filhotes.

ZONAS

Dizer "só serei livre quando todos os seres humanos (ou todas as criaturas sensíveis) forem livres", é simplesmente enfurnar-se numa espécie de estupor de nirvana, abdicar da nossa própria humanidade, definirmo-nos como fracassados. Acredito que, dando consequência ao que aprendemos com histórias sobre "ilhas na rede", tanto do passado quanto do futuro, possamos coletar evidências suficientes para sugerir que um certo tipo de "enclave livre" não é apenas possível nos dias de hoje, mas é também real. Toda minha pesquisa e minhas especulações cristalizaram-se em torno do conceito de ZONA AUTÔNOMA TEMPORÁRIA (daqui por diante abreviada por TAZ). Apesar de sua força sintetizadora para o meu próprio pensamento, não pretendo, no entanto, que a TAZ seja percebida como algo mais do que um ensaio ("uma tentativa"), uma sugestão, quase que uma fantasia poética. Apesar do ocasional excesso de entusiasmo da minha linguagem, não estou tentando construir dogmas políticos. Na verdade, deliberadamente procurei não definir o que é a TAZ — circundo o assunto, lançando alguns fachos exploratórios. No final, a TAZ é quase auto-

hakim bey: as muito singulares escritas de um anarquista nômade

-explicativa. Se o termo entrasse em uso seria compreendido sem dificuldades... **compreendido em ação.**

O "mapa" é uma malha política abstrata, uma proibição gigantesca imposta pela cenoura/cacetete condicionante do Estado "Especializado", até que para a maioria de nós o mapa se torne o território. E ainda assim o mapa continua sendo uma abstração, porque não pode cobrir a Terra com a precisão 1:1. Dentro das complexidades fractais da geografia atual, o mapa pode detectar apenas malhas dimensionais. Imensidões embutidas e escondidas escapam da fita métrica. O mapa não é exato, o mapa não pode ser exato. A Revolução fechou-se, mas a possibilidade do levante está aberta. Por ora, concentramos nossas forças em "irrupções" temporárias, evitando enredamentos com "soluções permanentes".

O mapa está fechado, mas a zona autônoma está aberta.

A 'reunião tribal' dos anos 60, o conclave florestal de eco-sabotadores, o Beltane idílico dos neo-pagãos, as conferências anarquistas, as festas gays... as festas de aluguel no Harlem

dos anos 20, as casas noturnas, os banquetes, os piqueniques dos antigos libertários – devemos perceber que todos esses eventos são, de certo modo, 'zonas libertas', ou pelo menos TAZs em potencial. Seja ela apenas para poucos amigos, como é o caso de um jantar, ou para milhares de pessoas, como um carnaval de rua, a festa é sempre 'aberta' porque não é 'ordenada'. Ela pode até ser planejada, mas se ela não acontece é um fracasso. A espontaneidade é crucial

A essência da festa: cara a cara, um grupo de seres humanos coloca seus esforços em sinergia para realizar desejos mútuos, seja por boa comida e alegria, por dança, conversa, pelas artes da vida. Talvez até mesmo por prazer erótico ou para criar uma obra de arte comunal, ou para alcançar o arroubamento do êxtase. Em suma, uma 'união de únicos' (como coloca Stirner) em sua forma mais simples, ou então, nos termos de Kropotkin, um básico impulso biológico de ajuda mútua

A Zona Autônoma Temporária está em todos os lugares, a qualquer hora ou lugar. A Zona Autônoma Temporária é, em efeito, um tipo de fenômeno nômade porque tem essa tendência a mudar. Você apenas descobre onde está acontecendo. Eu tenho pensado assim desde que eu era um hippie

hakim bey: as muito singulares escritas de um anarquista nômade

vagando pelo mundo me perguntando: 'Onde isso está acontecendo, cara? Isso não é uma coisa tão ruim; isso não deve ser desprezado. Onde está surgindo de repente um tipo de espírito criativo? Onde há um monte de gente de repente escapando da opressão e respirando um pouco mais livremente por algum tempo?'

REVOLUÇÃO E REVOLTAS

O slogan 'Revolução!' transformou-se de sinal de alerta em toxina, uma maligna e pseudo-gnóstica armadilha-do-destino, um pesadelo no qual, não importa o quanto lutamos, nunca nos livramos do maligno ciclo infinito que incuba o Estado, um Estado após o outro, cada 'paraíso' governado por um anjo ainda mais cruel.

As comunas de Paris, Lyon e Marselha não sobreviveram o suficiente para criar qualquer característica de permanência, e nos perguntamos se elas foram de fato criadas para serem permanentes. Do nosso ponto de vista, o principal elemento de fascínio é o espírito das comunas. Durante e depois destes anos, os anarquistas adquiriram a prática do nomadismo revolucionário, perambulando

do de revolta em revolta, procurando manter viva em si mesmos a intensidade do espírito que eles experimentaram no momento do levante.

A História diz que uma Revolução conquistada "permanência", ou pelo menos alguma duração, enquanto o levante é 'temporário'. Nesse sentido, um levante é uma 'experiência de pico' se comparada ao padrão 'normal' de consciência e experiência. Como os festivais, os levantes não podem acontecer todos os dias – ou não seriam 'extraordinários'. Mas tais momentos de intensidade moldam e dão sentido a toda uma vida.

Em suma, uma postura realista exige não apenas que desistamos de esperar pela "Revolução", mas também que desistamos de desejá-la. 'Levantes', sim – sempre que possível, até mesmo com o risco de violência. Os espasmos do Estado Simulado serão 'espetaculares', mas na maioria dos casos a tática mais radical será a recusa de participar da violência espetacular, retirar-se da área de simulação, desaparecer.

Crie suas próprias redes. Se toda essa energia tivesse sido direcionada dessa maneira, em vez do que para mim parece uma quimera total, um fantasma totalmente abstrato chamado poder político

hakim bey: as muito singulares escritas de um anarquista nômade

legislativo democrático, então acho que há muito estaríamos claramente no caminho de uma mudança revolucionária nesta sociedade. Do jeito que está, toda essa boa intenção e alta energia foi mal direcionada para o jogo deles, um jogo no qual eles estabelecem as regras e que eles fixaram para que pessoas como você e eu não possam ganhar poder dentro desse sistema. Agora esta é uma crítica anarquista que estou fazendo, como disse, com os motivos mais camaradas possíveis. Eu sinto que é uma tragédia que essa energia tenha sido mal direcionada. Não acho que seja tarde demais para acordar e sentir o cheiro do café aqui.

Não basta dizer 'ah, agora pensamos em termos de pequenos grupos'. Isso é desviar demais para o conceito do Club Med anarquista de TAZ: simplesmente desista e divirta-se o máximo que puder antes que a paisagem pegue fogo ao seu redor.

FUGAS

A partir da minha interpretação, o desaparecimento parece ser uma opção radical bastante lógica para o nosso tempo, de forma alguma um desastre ou uma

declaração de morte do projeto radical. Ao contrário da interpretação niilista e mórbida da teoria, a minha pretende miná-la em busca de estratégias úteis para a contínua 'revolução de todo dia': a luta que não pode cessar mesmo com o fracasso final da revolução política ou social, porque nada, exceto o fim do mundo, pode trazer um fim para a vida cotidiana, ou para as nossas aspirações pelas coisas boas, pelo maravilhoso.

Não existe nada mais gratificante do que trabalhar com as próprias mãos. Essencialmente, o que fiz foi desenvolver isso que eu chamo de *Vanishing Art* [arte que desaparece], o que significa que a arte surge no momento exato em que desaparece. Por exemplo, a minha primeira obra envolvia jogar anéis de ouro num rio – como faziam os antigos druidas. Cada um dos meus trabalhos está ligado a um local da região onde vivo, e cada um deles também está ligado a um evento ou personagem histórico que eu considero uma inspiração, seja porque são místicos ou revolucionários. Tenho muitas ideias de como fazer isso de outras maneiras, mas até agora o que fiz foi jogar objetos na água e enterrar objetos. No futuro, eu pretendo também queimar um monte de coisas. Quero me envolver com pirotecnia.